

Mudança de cultura entre os macondes de Moçambique

O povo maconde (conhecido entre os antropólogos ingleses por maviha, mabia ou mawia) habita um planalto ao sul do Rio Rovuma, perto da fronteira da atual Tanzânia.

É um povo de agricultores, com técnicas de rotação bem adaptadas ao ambiente e com uma divisão sexual das atividades agrícolas fixada pela tradição.

A cultura maconde tem mudado bastante nos últimos decênios, a julgar pelas informações dos velhos e por algumas notícias escritas, como consequência das mudanças econômicas e, sobretudo, pela introdução do dinheiro.

De fato, os macondes, refugiados num planalto com excelentes condições de defesa, tinham-se fechado ao convívio dos povos vizinhos, em parte para evitar os caçadores de escravos, que infestavam o vale do Rovuma, mas, principalmente, com receio dos ataques súbitos e brutais dos angônis, que, no século XIX, rondavam por estas paragens.

Este isolamento forçado refletiu-se na economia, levando o homem a dedicar-se mais à agricultura.

Parece que, durante muitas gerações, a principal atividade do maconde tinha sido a caça, cabendo à mulher o cuidado dos campos. Durante este período competia ao homem unicamente fazer a derruba das árvores, sempre que era necessário arrotear nova terra de cultura. Deve, contudo, dizer-se que a grande distância a que ficavam as fontes, onde as mulheres se vão abastecer e, sobretudo, a necessidade de as fazer acompanhar por uma escolta bem armada, para as defender dos perigos atrás mencionados, constituía uma perda considerável de tempo. Daqui resultou que os homens se sentissem obrigados a dar maior assistência às mulheres não só nas aldeias, mas sobretudo no trabalho dos campos, tanto mais que a insegurança nas terras baixas, onde abundava a caça, os obrigava a reduzir a atividade cinegética.

A mulher, que tinha sido durante longo tempo a principal promotora da atividade agrícola, assiste ao progressivo interesse do homem pela agricultura, que a pouco e pouco vai partilhando com ela, embora repartindo as atividades de maneira precisa e clara (1).

Como a mulher tinha sido a detentora da economia agrícola, dona dos campos e da palhota, senhora da colheita, como a sucessão era matrilinear e o casamento avunculocal ou uxorilocal, sem compensação, o marido encontrava-se numa posição económica e social de dependência. Daqui surgiu uma rivalidade entre os sexos que se manteve até hoje.

Os ritos da puberdade masculina e feminina têm contribuído para alimentar esta dualidade e antagonismo.

Nesta luta surda, durante o período em que o homem era sobretudo caçador, este recorria principalmente aos mistérios do mato e da magia e evocava um personagem mítico, o *mapiku*, um antepassado que ressuscitava e aparecia nas aldeias lançando o terror entre as mulheres e os não-iniciados. Este *mapiku* usava uma máscara elmo, que lhe cobria toda a cabeça, e tinha o corpo inteiramente tapado com trapos e fibras vegetais de maneira que só ficavam à vista as pontas dos dedos dos pés e das mãos.

O homem conseguia, assim, pelo temor, um certo equilíbrio de forças entre os dois grupos sexuais, embora no plano económico êle mantivesse uma posição de inferioridade (2).

Sucedem, porém, que, na segunda metade do século XIX, surge o interesse pela borracha nos mercados internacionais e os comerciantes do litoral africano oferecem artigos cobiçados em troca do novo produto. Os macondes descobrem então esta fonte de riqueza e começam a extrair de certas trepadeiras (*Landolphia*) o látex com o qual faziam grandes bolas que levavam às lojas do litoral, sobretudo a Mocimboa da Praia (3).

Para enfrentar o perigo dos caçadores de escravos, juntavam-se em grandes grupos armados e partiam com a mercadoria até

ao litoral, onde recebiam, em troca, espingardas, pólvora, tecidos e ferro.

As espingardas não só lhes davam novas possibilidades de defesa contra os inimigos, como permitiam caçar com muito mais êxito. Por outro lado, com os panos conseguiam prestígio em relação às mulheres, que eram seduzidas pelos tecidos com belos desenhos coloridos, incomparavelmente mais bonitos do que os panos de entrecasca de árvore que então se usavam.

Parece que é a partir desta época que surgem formas de casamento patrilocal, recebendo a família da noiva uma espingarda, como compensação nupcial. Os casamentos entre primos cruzados, em regime avunculocal, sem compensação mantêm-se, assim como os casamentos uxori-locais, mas, nos casos de poliginia, o segundo casamento começa a obedecer ao regime patrilocal.

Durante este período o homem beneficiou desta situação favorável que a borracha lhe oferecia. Porém, em determinado momento do século XX, os mercados de borracha espontânea sofrem uma tremenda crise, como consequência da concorrência indonésia, e os macondes vêem-se de repente privados desta fácil fonte de rendimento. É então que se nota uma decidida viragem para a vida agrícola. O homem coloca-se francamente ao lado da mulher nas atividades agrícolas, tornando-se inteiramente seu colaborador.

Porém, o desenvolvimento econômico do norte de Moçambique e do Tanganica nos últimos decênios, com a exploração extensiva de certos produtos, entre os quais avultava o sisal, reclamava mão-de-obra, que afluía de várias regiões e, em especial, da área macondê. A segurança do país, em consequência da definitiva extirpação dos caçadores de escravos e da pacificação dos angônis, tornava fácil os movimentos das gentes que iam de jornada até ao Tanganica e aceitavam contratos de trabalho por períodos mais ou menos longos.

Estes trabalhadores eram em geral alojados e alimentados pelos fazendeiros, recebendo além disso o salário estipulado. O macondê conhece então, pela primeira vez, o valor (gôsto) do dinheiro. Até 1915, pelo menos, o dinheiro não tinha entre eles grandes significado⁽⁴⁾. Mesmo durante o período da borracha, as transações faziam-se em mero plano de troca. Mas, daqui por diante, o dinheiro começa a ser um elemento muito importante na sua sociedade, contribuindo para a transformação de muitos traços da sua cultura.

Aquêles que se mantêm agricultores, procuram obter igualmente dinheiro. Para isso, ou alargam as culturas alimentares, esforçando-se por produzir mais do que consomem, vendendo nas lojas do mato os excedentes, ou procuram produzir artigos cotados nos grandes mercados, como: rícino, gergelim e algodão.

O dinheiro torna-se uma arma de dois gumes. Por um lado permite a aquisição de muitos artigos úteis, como bicicletas, transistores, ferramentas e objetos de comodidade, por outro lado, torna-se um elemento de corrupção.

O *lobolo* (*bride-price*), pago à família da noiva nos casamentos virilocais, continua a ser a espingarda, mas os valores tornam-se desiguais. Enquanto para um agricultor a espingarda é um artigo caro, difícil de obter, para um trabalhador recém-chegado do contrato, esta adquire-se facilmente. Esta diferença de poder aquisitivo dá origem a um profundo desequilíbrio do sistema que regulava as relações entre os sexos.

A mulher maconde foi sempre muito livre. A não ser nos casos de casamento obrigatório entre primos cruzados, ela teve sempre a liberdade de aceitar ou recusar marido. Durante o período que medeia entre os ritos da puberdade e o casamento, a mulher desfruta de grande liberdade sexual, podendo considerar-se aquêla uma fase preparatória do casamento. A virgindade nunca desempenhou qualquer função, tanto mais que as raparigas são defloradas ritualmente no fim dos ritos da puberdade.

Depois de casadas, o seu comportamento era todavia mais regular, pois pairava o receio da terrível vingança do marido, que, na cultura maconde, se considerou sempre como reagindo de maneira muito violenta. Porém, desde há muito, a sociedade maconde tinha encontrado maneira de evitar as conseqüências desastrosas que resultavam de tais vinganças, visto a sociedade estar constituída por grupos familiares extensos, ligados por fortes laços de solidariedade. Estes parentes conseguiam na maior parte dos casos aquietar o marido e obter do sedutor uma indenização de qualquer natureza, que representava uma satisfação da parte do culpado e prova de arrependimento.

Com a administração portuguesa, o sistema de indenizações tornou-se muito mais geral e estas acabaram por se normalizar e fixar os seus quantitativos em dinheiro, de acôrdo com os usos e costumes⁽⁶⁾.

É evidente que, no momento em que se fixam indenizações de acôrdo com o nível econômico geral de uma população rural, os poucos que chegam dos contratos ou ganham dinheiro em atividades mais bem remuneradas, sentem-se à vontade para atuar a seu bel-prazer. Desta maneira, o dinheiro começa a minar as velhas instituições impedindo-as de desempenhar as suas funções tradicionais.

A capacidade subversiva do dinheiro traduz-se das seguintes maneiras na área maconde:

1.º — Alguns homens podem comprar espingardas facilmente e negociam casamentos virilocais, satisfazendo caprichos de momento.

Por sua vez, embora se mantenha a expressão “pagar a espingarda” por *lobolo*, muitos familiares das noivas exigem, além da espingarda, panos ou outros valores e, às vèzes, até dinheiro.

2.º — Durante o período de liberdade sexual das raparigas, entre os ritos da puberdade e o casamento, começou a generalizar-se o costume de oferecer à rapariga, em troca dos seus favores, um pequeno presente: um sabonete, um frasco de perfume, etc. Hoje, muitos dão dinheiro, o que evidentemente transforma uma atividade espontânea e livre da rapariga em negócio interesseiro, que se aproxima da prostituição.

3.º — O costume de pagar uma indenização ao marido enganado diminuiu consideravelmente o receio dos sedutores e das adúlteras que assim se podem entregar mais facilmente às suas aventuras de momento. Porém, apesar da lei impor o pagamento de indenização, o marido nem sempre se conforma com a lei e faz, às vèzes, justiça pelas próprias mãos. Esta ameaça continua a ser o grande travão de desmandos. Contudo, a maioria vai-se habituando aos novos costumes e os que ganham o suficiente procuram multiplicar as aventuras. Alguns não recuam mesmo em oferecer presentes a mulheres casadas, sobretudo na ausência dos maridos, para facilitar os seus manejos. Por sua vez sucede, embora em reduzidíssima escala e sobretudo em ambientes de forte aculturação, que alguns maridos se tornem tolerantes, considerando a indenização dos sedutores como fonte de receita.

Vemos como o dinheiro veio perturbar uma estabilidade assente em instituições que tinham sido eficazes numa sociedade de agricultores com poucos excedentes permutáveis, dando lugar a um período de desequilíbrio que tanto pode ser obtido por uma melhoria de vida do agricultor em relação ao assalariado, como facilitando a todos, através da criação de indústrias, a possibilidade de ganhar dinheiro. Aliás, a desigualdade de nível de vida entre o camponês e o operário industrial ainda é freqüente na maioria das nações industriais.

JORGE DIAS

- 1 Dias, Jorge. *Os Macondes de Moçambique; aspectos históricos e económicos*. Lisboa, 1964. v. 1.
- 2 Id. "Conflitos de Cultura". In: *Colóquios sôbre Problemas Humanos nas Regiões Tropicais*. Lisboa, 1961.
- 3 Thompson, Joseph. Notes on the Basin of the River Rovuma, East Africa. *Proceedings of the Royal Geographical Society*. London. 4 (2): 79, 1882.
- 4 Pires, Antonio J. *A Grande Guerra em Moçambique*. Porto, 1924, p. 58.
- 5 Dias, Jorge & Dias, Margot. *Os Macondes de Moçambique; vida social*. Lisboa, 1970 (no prelo).